

# Literatura sergipana e outras veredas

  
*Série Acadêmica*

---

Coleção Estudos Linguísticos e Literários • nº 7

---

Título Original: Literatura sergipana e outras veredas

© Copyright 2020 by ArtNer Comunicação e autores

Todos os direitos desta edição estão reservados aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Editoração**

ArtNer Comunicação

**Impressão**

Infographics

**Foto de capa**

Christina Ramalho

**Revisão**

Christina Ramalho e Natali Fabiana da Costa e Silva

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

R165I

Ramalho, Christina (Org.). Costa e Silva, Natali Fabiana da (Org.).  
Literatura Sergipana e outras veredas. /Christina Ramalho (Org.).  
Natali Fabiana da Costa e Silva (Org.)  
- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2020.  
130p.

Série Acadêmica (Coleção Estudos linguísticos e literários, n.7)

ISBN : 978-65-991517-1-2

1.Literatura Sergipana – História-Regionalismo 2. Construção Metapoética  
I - Título

CDU: 821.134.3(813.7) - 1

---

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jane Guimarães – CRB-5/975

**Editora ArtNer Comunicação**

CNPJ 13.844.466/0001-15 • artner.com.br  
editoraartner@gmail.com • Tel.: (79) 99131-7653

# Literatura sergipana e outras veredas

## **Autores**

Alexandre de Melo Andrade  
Alexsandra dos Santos Bispo  
Deise Santos do Nascimento  
Eliliane Santos Ferreira  
Éverton de Jesus Santos  
Gardênia Dias Santos  
Jeane Carozo Rocha  
Joilda Alves de Oliveira  
Joseana Souza da Fonsêca  
Mayara dos Anjos Lima Nascimento  
Tatianne Santos Dantas

## **Organização e prefácio**

Christina Ramalho  
Natali Fabiana da Costa e Silva

  
*Série Acadêmica*

---

Coleção Estudos Linguísticos e Literários • nº 7

---

Aracaju

 EDITORA  
**ArtNer**  
Comunicação

2020



*Série Acadêmica*

---

Coleção Estudos Linguísticos e Literários • nº 7

---

**Série Acadêmica**

Coleção Estudos Linguísticos e Literários nº 7

**Direção**

Christina Ramalho

Márcia Mariano

**Conselho Editorial**

Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso (UFS)

Prof. Dr. Anazildo Vasconcelos da Silva (UFRJ)

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Beto Vianna (UFS)

Profa. Dra. Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)

Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes (UFS)

Profa. Dra. Conceição Flores

Profa. Dra. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti (UFAL)

Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano (UFS)

Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva (UFS)

Profa. Dra. Sylvia Helena Cyntrão (UNB)

## SUMÁRIO

### PREFÁCIO

#### LITERATURA SERGIPANA E OUTRAS VEREDAS

Christina Bielinski Ramalho

Natali Fabiana da Costa e Silva ..... 7

#### LITERATURA SERGIPANA ..... 11

##### HISTÓRIA, LITERATURA E REGIONALISMO

##### EM *OS CORUMBAS* DE AMANDO FONTES

Alexsandra dos Santos Bispo ..... 13

##### O CORPO ENVELHECIDO EM “FLORAIS”

##### DE ANTONIO CARLOS VIANA

Gardênia Dias Santos

Deise Santos do Nascimento ..... 25

##### A FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA EM GIZELDA MORAIS

Eliliane Santos Ferreira

Jeane Carozo Rocha

Joseana Souza da Fonsêca ..... 37

##### A CONSTRUÇÃO METAPOÉTICA DE

##### MARIA CRISTINA GAMA FIGUEIREDO

Joilda Alves de Oliveira

Alexandre de Melo Andrade ..... 55

<b>OUTRAS VEREDAS</b> .....	<b>75</b>
DE “O SENHOR É ESCRITOR?” A “LEIA ISTO”: QUEM FAZ UM ROMANCE SALVA UM SUICIDA Éverton de Jesus Santos .....	77
“PROJETO BRASIL”, DE STELLA LEONARDOS: O ÉPICO NA FORMA DE CANCIONEIRO, ROMANCEIRO E RAPSÓDIA Mayara dos Anjos Lima Nascimento .....	95
O FIO QUE CORTA O SILÊNCIO: A SUBVERSÃO NARRATIVA EM <i>TORTO ARADO</i> , DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR Tatianne Santos Dantas .....	107
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>121</b>
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>125</b>

## PREFÁCIO

### LITERATURA SERGIPANA E OUTRAS VEREDAS

**E**m tempos em que a pesquisa científica é ameaçada pelas instituições que deveriam protegê-la, a obra que ora se apresenta nasce sob o signo da balbúrdia. Fruto de investigações realizadas por pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, os capítulos que compõem este livro trilham veredas que conduzem o leitor pelo indelével caminho do conhecimento. Assim, aquele que porventura transitar por estas plagas, encontrará um livro que reúne diversos olhares para a literatura sergipana, além de três capítulos sobre a produção literária de outras regiões do Brasil.

O esforço plural dos pesquisadores deste volume realiza o intento ousado de desconstruir o cânone como lugar de partida paradigmático dos estudos literários. Nesse sentido, vale lembrar a discussão de Regina Dalcastagnè (2012), que situa a produção literária brasileira em um lócus de enunciação hierarquizado e marcado por disputas de espaço, voz e legitimidade. Nesse “território contestado” que é a nossa literatura, ainda há pouca valorização de textos que circulem fora daquilo que é estabelecido pelas grandes editoras e, embora a era da digitalização dos saberes tenha ampliado as possibilidades de publicação com a popularização de *blogs*, *sites*, perfis do *Instagram*, entre outros, além de propalar o *e-commerce* ou as pequenas casas editoriais, a homogeneização do mercado editorial até o momento é um condicionante que sufoca a produção literária de escritoras e escritores que estão à margem de um perfil considerado como alta literatura, nos termos de Leyla Perrone Moisés.

Faz-se necessário, então, questionar aquilo que caracteriza o domínio da valoração estética. Levando-se em conta a complexidade e os processos multiformes que fundam sua base, o valor de uma

obra literária não é algo que possa ser dado enquanto um proposto absoluto em si mesmo, mas estabelece-se, por um lado, na dinâmica entre as relações sociais, culturais e mercadológicas e, por outro, pela legitimação discursiva de instituições sociais – como os museus, os prêmios literários, o meio acadêmico, a escola – que são autorizadas por um corpo coletivo a emitir juízos acerca de um objeto artístico. Isto significa dizer, em outras palavras, que o valor atribuído a uma obra literária é sempre um construto que revela nas entrelinhas da concepção estética os dispositivos de poder que estruturam os olhares para as mais diversas áreas do conhecimento.

Subjaz ao pensamento crítico-literário o questionamento de paradigmas epistemológicos, a redefinição de limites históricos e geográficos ou de categorias como sujeito, voz, entre outros, sem deixar de levar em consideração o lugar da diferença seja ela étnica, social, de gênero, de orientação sexual, seja ela calcada nas diversas formas de transculturação, de heterogeneidade, de tradução cultural. As formas da narrativa e da poesia contemporânea foram abaladas pelas rasuras das fronteiras textuais, políticas e estéticas, o que logrou uma reescrita das grandes narrativas. Na base dessa postura acadêmica, o olhar do fazer crítico coabita o lugar da revelia.

Na esteira desse pensamento, o livro *Literatura sergipana e outras veredas* é composto por sete capítulos que visam dar azo à atitude questionadora dos pesquisadores da área de estudos literários, bem como colocam em xeque os limites do mercado editorial a partir da valorização de escritores pouco conhecidos e/ou estudados nas Letras brasileiras. Indiretamente, a obra mobiliza o descentramento da crítica literária, tendo em vista que se trata da produção de saberes a partir do nordeste, região que tem sido alvo de comentários preconceituosos, retaliações financeiras e ataques fascistas por parte de alguns representantes políticos e de certo segmento da população civil. Essas atitudes totalitaristas e preconceituosas reforçam a imprescindibilidade da ampliação de pesquisas, sobretudo na área das Humanidades, a fim de que tempos irracionais como este sucumbam à humanização transformadora do sujeito.



Assim, o primeiro capítulo que inaugura esta coletânea de textos intitula-se “História, literatura e regionalismo em *Os corumbás*, de Amando Fontes”, da autoria de Alexandra dos Santos Bispo. O romance, de cunho social, tensiona os limites entre a função do escritor e do político – vale ressaltar que Amando Fontes foi deputado federal pelo Estado de Sergipe – pintando um quadro sociocultural que, se, por um lado, denuncia a falta de emprego, as mazelas sociais, por outro lado, vaticina a esperança de um futuro melhor.

Em “O corpo envelhecido em ‘Florais’, de Antônio Carlos Viana”, Gardênia Dias Santos e Deise Santos do Nascimento trazem uma reflexão acerca do corpo envelhecido por meio do conto “Florais”, presente na coletânea *Jeito de matar lagartas* (2015). As autoras buscam fazer uma crítica à visão patriarcal que atribui a força da mulher ao seu corpo e à sua juventude. Essa visão deturpada sobre os corpos femininos vilipendia as mulheres limitando suas ações, que acabam restritas às experiências biológicas de reprodução.

“A fragmentação narrativa em Gizelda Morais”, de Eliliane Santos Ferreira, Jeane Carozo Rocha e Joseana Souza da Fônseca, analisa o modo pelo qual Gizelda Morais constrói, nos romances *Jane Brasil* e *A procura de Jane*, um efeito de fragmentação narrativa que, por sua vez, estabelece uma “sensação de deriva” da qual se desdobram múltiplas possibilidades de linguagens que buscam representar as conexões entre o mundo empírico e o literário.

“A fragmentação metapoética de Maria Cristina Gama Figueiredo”, da autoria de Joilda Alves de Oliveira e Alexandre de Melo Andrade, lança luz sobre a estética subjetiva, intimista e condensada da poeta que dá título ao capítulo, revelando os modos de subjetivação lírica e os questionamentos sobre o amor, a poesia e a intuição poética engendrados em seus poemas.

Uma segunda seção, nomeada “Outras veredas”, traz três capítulos sobre a literatura de outras regiões do Brasil. O primeiro deles é da autoria de Éverton Jesus Santos e se intitula “De ‘o senhor é escritor?’ a ‘leia isto’: quem faz um romance salva um suicida”. Esse artigo traz para o debate a obra *O sol se põe em São Paulo* (2007), do carioca Bernardo Carvalho, por meio do qual Éverton Santos destaca

o modo como as dobras narrativas possibilitam o surgimento de dimensões que cotejam a escrita e o ato de contar, ouvir e ler uma história literária.

Em “‘Projeto Brasil’, de Stella Leonardos: o épico na forma de cancionero, romanceiro e rapsódia”, Mayara dos Anjos Lima Nascimento tece reflexões acerca do que a poeta carioca Stella Leonardos entende por um projeto de escrita que busque abarcar a diversidade cultural, linguística e histórica brasileira articulando o Sergipe, o Espírito Santo e o Maranhão por meio da comparação de três obras, *Rapsódia Sergipana* (1995), *Cancioneiro Capixaba* (2000) e *Romanceiro do Bequimão* (1979).

Por fim, em “O fio que corta o silêncio: a subversão narrativa em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior”, Tatianne Santos Dantas investiga o modo como o escritor baiano articula em seu romance de estreia as relações entre colonialismo e racismo e expõe toda a violência de séculos de exploração e aviltamento do povo brasileiro.

Esperamos que as discussões trazidas por esta coletânea de textos incitem o leitor a novas reflexões acerca da literatura. Acreditamos que é tão somente por meio da confrontação de pensamentos e do embate de ideias que as fronteiras do conhecimento são dissolvidas para, então, estabelecerem novos pressupostos e novas inquietações. Que a arena de batalhas na qual hoje o conhecimento luta para se afirmar enquanto um direito humano fundamental possibilite a saída de tempos tão obscurantistas. Até lá e, mesmo depois disso, o nordeste resiste!

*Christina Bielinski Ramalho*  
*Natali Fabiana da Costa e Silva*

# Literatura sergipana



## HISTÓRIA, LITERATURA E REGIONALISMO EM *OS CORUMBAS DE AMANDO FONTES*

Alexsandra dos Santos Bispo

### Introdução

Este capítulo tem como objeto de estudo o romance *Os Corumbas* de Amando Fontes que, lançado no ano de 1933, foi o primeiro a obter o Prêmio Felipe d'Oliveira de Literatura. Sobre Fontes, Gilberto Amado nos diz:

Há que louvar o autor por não ter ido mais longe na parte política, por não ter acentuado a tendência reivindicante, a injustiça social. Isto é mister para outros. Seu papel ele o desempenhou a contento. Mostrou-nos a vida; fez-nos viver com ela, fez-nos chorar (apud BUENO, 2006, p.185).

No romance *Os Corumbas*, Amando Fontes desenvolve uma narrativa centrada na história de uma família – Corumbas – de proletários, cuja vida escassa os obriga a saírem de uma cidade do interior de Sergipe para a capital Aracaju com o intuito de encontrar trabalho para melhorar suas condições socioeconômicas. De acordo com João Ribeiro (1933 apud FONTES, 1981, p. ix), poucos livros são bem arquitetados como *Os Corumbas*, o qual reproduz uma imagem semelhante da sociedade que se desintegrava na erosão da civilização.

Conforme Bueno (2006), a narrativa tornou-se um exemplo de romance social, uma medida que parece indicar o limite entre a função do escritor e a do político. Ainda para o crítico, “Amando Fontes aparece com a possibilidade de ser um autor político e não um político autor” (idem, ibidem, p.186). Podemos afirmar que Fontes constrói um romance enredado nas mazelas sociais, transitando

entre o campo literário e o político e, com isso revela um quadro sociocultural repleto de idas e vindas que desembocam na família protagonista: a falta de emprego, as relações políticas, a necessidade de ascender na vida e no íntimo a manutenção de esperança de uma situação melhor.

Dada a intenção de igualmente destacar e valorizar a contribuição do autor para a história da literatura, é essencial adicionarmos algumas informações sobre sua vida e suas obras. Amando Fontes nasceu em 15 de maio de 1889, na cidade de Santos/SP, filho do farmacêutico Turíbio da Silveira Fontes e da dona de casa Rosa do Nascimento Fontes. Ficou órfão de pai aos cinco meses de idade e a partir daí passou a ser criado pelos avôs paternos em Aracaju. Apesar de ter viajado para outras cidades, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Salvador, Fontes passou praticamente toda a sua vida em Sergipe, de onde sua família era oriunda.

Começou a trabalhar aos quinze anos como revisor do *Diário da Manhã*, em Aracaju. No ano de 1919, Fontes publicou alguns poemas na imprensa local e teve a ideia de escrever os dois primeiros capítulos. Depois disso, conforme Silva (2005), ele interrompeu sua escrita pelo fato de faltar-lhe o registro da vida de Aracaju e da técnica segura para a escrita do livro. Assim, doze anos mais tarde, retornou à composição de *Os Corumbas*, pois já possuía sua técnica definida, o método apresentativo de Ortega y Gasset, e publicou seu livro no ano de 1933, sendo este bem recebido pela crítica a ponto de obter o Prêmio Felipe d'Oliveira, o qual acabava de ser instituído. Segundo Fontes<sup>1</sup> (1934 *apud* Silva, 2005, p. 10) “um casal de velhos, silencioso e só, num vagão de estrada de ferro que deixava a estação de Aracaju, foi o pequeno átomo, o núcleo gerador do romance”, ou seja, o romance, *Os Corumbas* foi inspirado em um casal de idosos que ele encontrou num trem que saía para o interior de Sergipe.

Amando Fontes atuou como romancista, professor, crítico literário, advogado, bem como também elegeu-se deputado federal

---

1 FONTES, Amando. “A entrega do prêmio Felipe D’Oliveira”. Lanterna Verde. Rio de Janeiro, (I) maio de 1934. pp.110-116.

pelo estado de Sergipe, tendo uma atuação destacada devido aos seus projetos, discursos, emendas e pareceres. Escreveu não só *Os Corumbas* (1933), mas também *Rua do Siriri* (1937) e deixou quase pronto um novo romance, denominado *O Deputado Santos Lima*, pois faleceu na noite de 1º de dezembro de 1967.

## 1. *Os Corumbas* e sua relação com a história e a literatura

Conforme Bueno (2006), *Os Corumbas*, de Amando Fontes, foi considerado o grande romance do ano. Por um lado, o romance era visto como uma literatura proletária, por outro, Jorge Amado defende que essa premissa não se justifica, pois a literatura proletária é de luta, de revolta e de movimento de massa, sem enredo e sem senso de imoralidade, e o romance de Fontes é uma narrativa que conta a história de uma família pobre do interior de Sergipe que vai para Aracaju em busca de melhores oportunidades de trabalho para, assim, obter uma vida decente, com melhores condições socioeconômicas. O romance só pode ser proletário, segundo Bueno (2006), se tiver revolta, quer dizer, se as massas provocarem uma revolução, assim retratar dramas coletivos não quer dizer que o romance seja proletário. No romance supracitado, o narrador não é personagem, mas há uma empatia entre ele e os personagens. Vejamos:

Sá Josefa perdia noites e noites, a pensar. Contava as pequenas cédulas de papel, recontava os cobres e os níqueis. E concluía sempre, ao fim, que não lhes era possível viver com tão pouco dinheiro, pagando aluguel de casa, vestindo e alimentando sete pessoas.

Haveria, talvez, o recurso de restringirem ainda mais as despesas, mudando-se para uma casa pior, suspendendo o colégio às duas menores. Mas essa seria uma solução tão dolorosa, que a velha nem gostava de se deter a pensar nela (FONTES, 1981, p.29).

Do ponto de vista de organização do texto, o romance divide-se em três partes: a primeira parte retrata a família Corumba no interior de Sergipe, a qual conta apenas com quatro capítulos, apresentando-nos Geraldo Corumba que, ao ir a uma festa, conhece Josefa, com quem vem a se casar. Anos mais tarde as dificuldades aparecem: há uma grande seca no ano de 1905, o preço do açúcar baixa, e todas as pessoas que estavam envolvidas no plantio passam a viver em desequilíbrio financeiro. Já com os filhos crescidos, quatro moças (Rosenda, Albertina, Caçulinha e Bela) e um rapaz, Pedro, o casal diante da situação difícil decidem se mudar para Aracaju, onde todos poderiam trabalhar nas fábricas de tecido. Na segunda parte do livro, a família Corumba, depois de alguns anos, aparece trabalhando em Aracaju. Nessa parte, a mais longa dos capítulos, Geraldo, Rosenda e Albertina (filhas mais velhas) trabalham na fábrica de tecidos e o filho Pedro trabalha como mecânico numa oficina. A esperança bem como o sacrifício de todos evidenciam-se absolutamente nas duas filhas mais novas, que estudam para um dia se tornarem professoras e ajudarem a família.

Nessa parte, temos acesso aos acontecimentos trágicos na vida da família: uma das filhas, Bela, morre de tuberculose e as outras caem na prostituição em suas formas degradantes, e o filho Pedro, envolvido em manifestações, acaba sendo preso e passa a viver em outra cidade, Rio de Janeiro. A terceira e última parte do romance finaliza com a volta do casal para sua cidade, no interior de Sergipe, Ribeira, desapontados e lembrando que há seis anos saíram com a esperança de que melhorariam de vida, mas nada do que almejavam ocorreu, pois tudo articulou-se para uma vida repleta de desgraças e fracassos.

De acordo com Bueno (2006), através da narrativa, podemos perceber que Amando Fontes teve contato com as pessoas mais simples, humildes, bem como também observou a saída de pessoas que se deslocavam do interior para a cidade à procura de melhores condições de vida.

Ao longo do romance de Fontes, percebemos diversas marcas que permitem uma maior aproximação com a história de Aracaju



durante as décadas de 1920 e 1930, e isso nos ajuda a entender a vida dos sergipanos no começo do século XX. Segundo Melo (2014), o romance de Fontes não pode ser somente analisado como um elemento isolado, produto de um talento individual, mas sim como fruto de uma sociedade de um determinado tempo histórico.

Cândido (2006) ressalta que antes se procurava mostrar o valor e o significado de uma determinada obra a partir da manifestação ou não de algum aspecto da realidade, sendo este aspecto um fator importante para mostrar o que a obra tinha de essencial. No entanto, essa compreensão da matéria de uma obra passou a ser fator secundário e sua importância passou a ter origem nos aspectos formais que são colocados em jogo, conferindo-lhe uma particularidade que a torna de fato independente de qualquer condicionamento, principalmente o social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Mas, ainda segundo o referido autor, hoje a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas, e pois só podemos entendê-la fundindo texto e contexto numa interpretação íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, dirigido pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.

Segundo Melo (2014), no estudo de uma obra como *Os Corumbas* salta aos olhos o conteúdo social de sua escrita. No século XIX a cidade de Aracaju passava por um período de transformações em que a modernidade e o progresso se implantavam. A industrialização era vista como uma solução para os problemas econômicos, embora as consequências desta modernização fossem, na grande maioria das vezes, assoladoras. Assim, muitos intelectuais, jornalistas e escritores, como Amando Fontes, usavam suas ferramentas para mostrar/denunciar a realidade social e buscavam, em suas narrativas estabelecer uma relação com a realidade que seus olhares aguçados ressignificavam, transformando-as em obras literárias. Sobre o romance, Melo destaca:

A leitura de *Os Corumbas* nos traz uma riqueza de detalhes acerca do cotidiano e do imaginário da cidade de Aracaju nas duas primeiras décadas do século XX. Os costumes, as vestimentas, as formas de lazer e as relações entre homens e mulheres, dentre outros aspectos, são retratados nas páginas do romance de maneira envolvente. O dia a dia nas fábricas têxteis, as péssimas condições de trabalho e as ocorrências de assédio moral e sexual descritas por Amando Fontes nos dão importantes elementos sobre como se davam as relações sociais e de trabalho naquele período, como também quais eram os anseios, as incertezas, as visões de mundo e preconceitos de sergipanos da época (MELO, 2014, p. 24).

O romance fornece-nos a possibilidade de novas formas de leitura do passado. E Melo completa: “o trabalho do historiador, neste sentido, é de recuperar estes vestígios e a literatura se constitui uma grande parceria nesse processo” (MELO, 2014, p.24). Assim, a partir de Melo, a narrativa de Fontes possibilita-nos o entendimento da história dos moradores de Aracaju, dos seus costumes, das suas relações de trabalho, da sua vida nos anos 30. A referida autora ainda ressalta que “a literatura mantém com a História o seu elo comum com a sociedade, uma vez que ambas, mesmo que de formas distintas, têm na realidade o seu referencial”. Para Compagnon (1999), o termo história indica um ponto de vista, não somente sobre o que seja a relação dos textos entre si no tempo, mas também sobre a relação dos textos com seus contextos históricos. Conforme o referido autor, a história é uma construção, um relato que coloca em cena o presente e o passado, de cujo texto faz parte a literatura.

De acordo com o educador Mário Sérgio Cortella, numa entrevista cedida ao *Portal Trilhas*, o livro nos aproxima de outras contemporaneidades, nos coloca em momentos nos quais outras pessoas estiveram e, ao mesmo tempo, a literatura nos traz para o agora, porque ela também lida com o nosso cotidiano. Ou seja, a literatura nos aproxima da história, permitindo que fantasiemos, meditemos e reflitamos.

Além disso, a literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento dos problemas humanitários. Candido (1995, p.186) afirma que: “(...) a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.”. Desse modo, a literatura pode oferecer um descortinar da vida que se oculta no cotidiano tão corriqueiro que quase imperceptível. A exemplo disso, temos no romance *Os Corumbas* o retrato da seca vivenciada pelos sertanejos, que revela as fragilidades do ser humano, além da luta para se conseguir sobreviver, mesmo que seja com a subsistência mais básica possível, como podemos observar nos dois fragmentos a seguir:

Se não chover agora, vamos ter seca, e da braba! exclamavam os sertanejos, temerosos (FONTES, 1981, p.3).  
Tão violenta foi a seca de 1905, que o capim cresceu e secou no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo! João Piancó, doente, não pôde salvar as reduzidas criações. E morreu de desgosto (Idem, ibidem, p.8).

A seca, segundo Albuquerque Jr. (2009), aparece na literatura como um fenômeno detonador de transformações radicais na vida das pessoas, desorganizando famílias tanto social quanto moralmente. Essa problemática da seca ou das metamorfoses que as famílias sofrem foi muitas vezes representada na literatura brasileira, em obras tais como: *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Morte e vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto; *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Raquel de Queiroz, apenas para citar algumas. *Conforme Melo* (2014), a realidade vivida pelo sertanejo em *Os Corumbas* não é diferente da de outros nordestinos, o sofrimento é repetido todo ano, fazendo perceber a ausência de investimentos em infraestruturas no nordeste. Entretanto, percebemos que a questão da seca no romance de Fontes é apenas a ponta da problemática, pois o autor a tem como argumento inicial para discutir os caminhos que a família nordestina

tem: se por um lado decide ficar, a de se conviver com os constantes medos de não chover, correndo o risco de morrer de fome e sede. Por outro, se decide partir terá de encarar uma nova realidade que pode ser devastadora nos grandes centros, tais como: trabalhos exaustivos que pagam mal, os riscos da prostituição das filhas mais novas, a falta de assistencialismo em casos de doenças.

Com efeito, na narrativa de Fontes podemos adentrar um pouco na história das fábricas de tecido da cidade de Aracaju, pois foram nos bairros Santo Antônio e Industrial que surgiram as primeiras fábricas. Ainda, segundo Melo (2014), as fábricas de tecido atraíram diversos moradores que vinham em grande parte do interior do estado de Aracaju.

Muitas pessoas que passavam por dificuldades foram atraídas pela oportunidade de emprego, assim muitos sergipanos e sergipanas mudaram para Aracaju se sujeitando a baixos salários, a longas e péssimas jornadas de trabalho. Não é de se negar que a leitura do romance de Amando Fontes desmascara o cotidiano pelo qual muitos sergipanos passavam no início do século XX.

## **2. O regionalismo na prosa de Amando Fontes**

Segundo Campedelli e Souza (2000), o romance regionalista – em uma linguagem crítica e seca – dos anos 30 evoluiu pelos caminhos de um novo realismo, em resposta às tensões sociais originadas pela crise econômica brasileira. Surge o romance do realismo crítico, representando problemas brasileiros em geral e específicos de determinadas regiões. Tratava-se de uma literatura que tinha como lema criticar para denunciar uma questão social, contribuindo para sua solução. Conforme os autores, em quase todos os romances regionalistas dos anos 30 há um predomínio do homem sendo dominado por um rude esquema de trabalho. Na obra *Os Corumbas*, não é diferente. O autor demonstra a dureza do dia a dia e a exploração do trabalhador que nem segurança tinha no trabalho:

Manhã.

Homens entroncados, sujos de pó, chegavam junto às caldeiras da Têxtil, empurrando vagonetes de lenha. Lavados de suor, os foguistas não descansavam, jogando grandes toros em meio às labaredas.

(...) A larga correia de uma transmissão, que fazia funcionar todo um grupo de teares, alcançara um rapazelho de quinze anos pelo braço, atraía-o para a roda, suspendera-o no ar, e arremessara-o violentamente sobre a parede que a pequena distância se encontrava. Quando o corpo veio dar no chão, estava já sem vida, o crânio extensamente fraturado (FONTES, 1981, p.97).

Esse pequeno trecho mostra-nos um pouco da vida sofrida dos sergipanos no século XX, da exploração brutal que os operários sofriam, em que muitos sujeitavam-se a enormes jornadas de trabalho, sem direito a descansos e sem segurança, muitas vezes passando por acidentes que ocasionavam a morte.

Segundo Candido (1989), o regionalismo foi uma etapa necessária que fez a literatura, principalmente o romance e o conto, focar a realidade do cotidiano. Conforme o crítico literário, na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento – anos de 1930 e 1940 – tivemos o regionalismo problemático, o qual foi denominado “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”, e sem ser excepcionalmente regional, o é em boa parte, *Os Corumbas* interessa mais pelo fato de ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento, embora outros autores como Alcides Arguedas e Mariano Azuela já houvessem elencado nos problemas dos grupos desfavorecidos e desprotegidos.

Conforme Campedelli e Souza (2000), ao lado de uma literatura regionalista, que fez enfatizar a região enfocando o problema social, houve também uma literatura urbana intimista, que se concentrou em registros de atmosferas. Inaugurou-se, assim, o realismo crítico que gerou uma reflexão de problemas sociais marcantes, uma literatura destinada a denunciar questões sociais para a provocar conscientização.

Os escritores e outras modalidades artísticas tinham a consciência do subdesenvolvimento do país, por isso, a partir de então, o intuito era o de valorizar o cotidiano, o único das regiões do Brasil, além de serem escritos recheados de denúncia social, por esses ideais os artistas eram denominados de regionalistas. Esses, acima de tudo, tinham o ensejo de representação da sociedade tal como qual, com suas chagas e mazelas (MARTINS, 2015, p. 29).

Segundo Candido (1989), apesar de esses escritores se caracterizarem pela linguagem espontânea e irregular, o peso da consciência social atua muitas vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação da desigualdade e da injustiça. De fato, Amando Fontes organizou seu livro a partir da realidade vivida aproximando a realidade ficcional da realidade histórica, talvez para mostrar a preocupação que ele tinha com o social.

O avanço das ciências, segundo Rocha (1984), faz com que o homem tome consciência de sua capacidade e passe a dedicar-se mais na concretização de suas ideias. Esse desenvolvimento favorece o estudo do comportamento do homem e de sua relação com a sociedade em que vive. Com efeito, todos esses fatores, conforme o autor, foram fundamentais na inspiração dos escritores e artistas, cujas obras apresentariam, a partir de então, a denúncia social, a preocupação com o bem estar das classes menos favorecidas, dentre outras situações.

## **Conclusão**

Não é de se negar que nos anos 30 a literatura brasileira contou com escritores que demonstraram em suas narrativas histórias de cunho social retratando situações de sua época. Desse modo, a obra *Os Corumbas* de Amando Fontes pode ser estudada à luz da história, porque traz elementos que relatam situações da realidade, podendo também ser usada como um instrumento de denúncia social. Assim,

percebe-se que Fontes se propôs a mostrar por meio da literatura a realidade brasileira daqueles tempos. E isto nos ajuda a entender a vida dos sergipanos no começo do século XX.

A literatura é de suma importância para nós seres humanos, pois além de promover o entretenimento também proporciona vivenciarmos situações da ficção – elaboradas com base na realidade humana – as quais nos permitem refletir sobre situações do nosso cotidiano. Por meio da narrativa de Amando Fontes percebemos que ele fez uma representação da sociedade do seu tempo e do seu lugar na década de 30, mostrando a vida das famílias que saíam do interior para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida, o sofrimento dos operários, das pessoas mais carentes.

Por outro lado, embora alguns estudiosos afirmem que *Os Corumbas* (1933) não pode ser considerada uma obra propriamente regionalista, devido às situações enfrentadas pela família Corumba não serem restritas somente ao povo nordestino, há outros que afirmam que a referida obra faz parte do regionalismo, bem como enriquece o debate em torno dos romances regionalistas e sobre a cultura local.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. Editora Ática S.A.. São Paulo. 1989. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf>>. Acesso em: 21 de jul. 2019.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>>. Acesso em: 23 de jul. 2019.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Importância da literatura*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Enj0l4N31oo>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

MARTINS, Natália de Sousa. *Tragédia familiar: uma análise de Os Corumbas, de Amando Fontes*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. 103 f. 2015. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124463/000834006.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 jul. 2019.

MELO, Andréa Patrícia Santos. *Representações de gênero na Aracaju ficcional de Amando Fontes: uma análise da obra Os Corumbas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2014. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5650/1/ANDREA\\_PATRICIA\\_SANTOS\\_MELO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5650/1/ANDREA_PATRICIA_SANTOS_MELO.pdf)>. Acesso em 20 de jul. 2019.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Orgs.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 20, p. 41-54.

ROCHA, Claudemildes Monteiro da. Os Corumbas: uma vertente social dos anos 30. *Rev. De Letras, Fortaleza*, 7 (1/2) – jan./dez. 1984. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3381/1/1984\\_Art\\_CM Rocha.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3381/1/1984_Art_CM Rocha.pdf)>. Acesso em 23 de jul. 2019.

SILVA, Roberto José da. *Inferno Urbano: estudo do espaço em Os Corumbas, de Amando Fontes*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem. SP: [s.n.], 2005. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269952/1/Silva\\_RobertoJoseda\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269952/1/Silva_RobertoJoseda_M.pdf)>. Acesso em 20 jul. 2019.